

SCREENAGERS E EDUCAÇÃO: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR

Filomena Alves Pereira¹

Helena Maria Ribeiro²

Jéssica Marinho Medeiros³

Maria Rita Fialho Almeida⁴

Rosimar Rodrigues Souza⁵

<https://doi.org/10.46550/ilustracao.v4i6.219>

Resumo: Transformações na sociedade, especialmente no tocante à tecnologia, têm desencadeado alterações consideráveis de entendimento no processo de ensino-aprendizagem. Os adolescentes que se incluem na chamada Geração Z ou Screenagers, sendo uma geração que já nasceu em meio a era dos smartphones e redes sociais, acaba associando quase que integralmente seu foco ao que está nas redes, esquecendo-se de que o ambiente escolar ainda utiliza de meios tradicionais, ainda que esteja incluindo, aos poucos, essas novas tecnologias. Tendo em vista esse contexto, o objetivo principal desse estudo consiste em abordar a relação

- 1 Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Especialistas em Psicopedagógico pelo Instituto Superior de Educação Programus (ISEPRO); Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação (Must University-Florida). E-mail: f.iomori@hotmail.com
- 2 Graduada em Pedagogia pela (UFU); Especialização em Docência na Educação Infantil (UFU); Atendimento Educacional Especializado pela (UCAM); Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: helenamaria236@outlook.com
- 3 Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia; Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Tiradentes; Especialização em Neuroeducação e MBA em Gestão Escolar pela Faculdade Descomplica; Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: jessica_marinho20@hotmail.com
- 4 Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (UNIVICOSA) - União de Ensino Superior de Viçosa; Especialista em Terapia Cognitivo-comportamental pelo Centro Universitário de Viçosa (UNIVICOSA) União de Ensino Superior de Viçosa; Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: mrfialho8@yahoo.com.br
- 5 Graduada em Biologia pela Universidade de Cuiabá e Química pela Universidade Federal de Mato Grosso; Especializada em Proposta Pedagógica para Educação pela Faculdade do Sul de Mato Grosso; Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: rosimarbiologia@gmail.com



entre a geração screenagers e a educação, ressaltando esse percurso escolar da geração digital. Como objetivos específicos, abordar as possibilidades e impactos dentro do universo educacional, além dos desafios para os professores e escolas. A metodologia utilizada se deu por meio da pesquisa bibliográfica, promovendo análise de literatura científica acerca do tema em questão, pela pesquisa em livros, trabalhos acadêmicos, sintetizando os resultados encontrados e evidenciando a discussão dos mesmos. Concluiu-se que deve haver um planejamento no sentido de integrar melhor as aulas às tecnologias existentes, de modo que haja consenso entre professores e alunos, e mais estudos devem ser realizados para que esse debate ganhe ainda mais importância na comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Geração. Aprendizagem. Screenagers. Desafios

Abstract: Transformations in society, especially with regard to technology, have triggered considerable changes in the understanding of the teaching-learning process. Teenagers who are included in the so-called Generation Z or Screenagers, being a generation that was born in the middle of the era of smartphones and social networks, end up associating almost entirely their focus with what is on the networks, forgetting that the school environment is still uses traditional means, even though it is gradually including these new technologies. In view of this context, the main objective of this study is to address the relationship between the screenagers generation and education, highlighting this school path of the digital generation. As specific objectives, address the possibilities and impacts within the educational universe, in addition to the challenges for teachers and schools. The methodology used was through bibliographical research, promoting analysis of the scientific literature on the subject in question, through research in books, academic works, synthesizing the results found and highlighting their discussion. It was concluded that there should be planning to better integrate classes with existing technologies, so that there is consensus between teachers and students, and more studies should be carried out so that this debate gains even more importance in the academic community.

Keywords: Generation. Learning. Screenagers. Challenges.

Introdução

Voltando-se o olhar para cerca de 30 anos atrás, os tempos eram, obviamente, outros: como não havia celulares e a tecnologia,

apesar de estar em contínua expansão, era muito limitada a alguns meios eletrônicos que não os existentes hoje, o comportamento dos jovens e adolescentes era bem diferente daqueles das gerações atuais.

Em outras palavras, é fato que a geração atual de jovens adolescentes não apresenta os mesmos comportamentos daqueles que vivenciaram essa fase há 30 anos, mais precisamente entre as décadas de 80 e 90 (1981 a 1995), a denominada Geração Y ou Millennials; a geração dessa época se desenvolveu em meio a uma crescente explosão de tecnologia, mas que era intensamente restrita – não que hoje não seja restrito o acesso à rede, mas é mais por fatores econômicos. Como era algo novo e que ainda estava “em fase de teste”, a adaptação foi se dando de forma lenta.

Com o passar dos anos, a tecnologia foi se aprimorando e a rede mundial de computadores também; a internet começava a fazer parte da vida das comunidades globais e, conseqüentemente, começava também a moldar as ações das pessoas, especialmente das crianças e adolescentes, e ao final da década de 90 e início do novo milênio, passavam a se familiarizar mais sobre a utilização dessa tecnologia, recebendo a denominação de Geração Z.

Contudo, quando o contexto muda para o ambiente escolar, alguns pontos merecem atenção e devem ser analisados. Isso porque, no trajeto para a instituição escolar, permanecem atados aos seus aparelhos, e ao passo que são expostos a milhares de informações digitais diariamente, o consumo de informação impressa, mais precisamente os livros, vai decaindo aos poucos. Dada essa realidade de “cultura de tela”, é necessário que se reflita quais as ações, condutas e práticas que pais, docentes e empregadores deverão aprender para se comunicar da melhor forma possível com essa geração.

Dessa forma, tendo em vista o contexto exposto, o presente trabalho tem por objetivo principal abordar a relação entre a geração screenagers e a educação, ressaltando esse percurso escolar da geração digital. Como objetivos específicos, abordar as possibilidades e impactos dentro do universo educacional, além dos desafios para os professores e escolas.

A metodologia utilizada consistiu na pesquisa bibliográfica exploratória em livros, textos e artigos publicados de autores que descrevem sobre o tema, bem como informações de exemplos das práticas colaborativas sobre o assunto abordado. O levantamento bibliográfico também foi realizado em revistas publicadas em bases de dados, assim como teses e publicações científicas nacionais publicadas nos últimos cinco anos (2017 – 2022), na base de dados do Google Acadêmico. Foram utilizados

isolados ou em conjunto os seguintes descritores, nos quais o estudo está ancorado: Screenagers. Educação. Relação. Desafios.

O estudo se encontra dividido em três capítulos: introdução, desenvolvimento e considerações finais. Na introdução, está contido o que será desenvolvido em todo o trabalho, apresentando o problema de pesquisa, o objetivo geral do trabalho, bem como os objetivos específicos, e a metodologia utilizada. Já no desenvolvimento analisou-se algumas definições e também a caracterização dos screenagers, bem como os impactos e desafios das novas tecnologias utilizadas pelos mesmos dentro da escola. A conclusão reitera o que foi apontado ao longo do trabalho e ressalta se o objetivo foi atingido ou não.

Screenagers e educação

Trajetória escolar do screenager

O jovem, ao chegar no fim do século XX, já não possuía mais aquele estereótipo de criança retraída, grande e antissocial; aos poucos, essas características foram sendo deixadas de lado e o jovem adolescente acabou assumindo uma modernidade, passando a aproveitar do status de uma pessoa adulta, ou seja, passou a assumir a vida de gente grande sem, contudo, não ter a maior parte das responsabilidades que um adulto, de fato, tem em sua vida.

Passou a participar de movimentos sociais e culturais que lhes fornecesse mais atividade. Esse mesmo jovem da atualidade também passou a ter contato com as tecnologias e mídias digitais, que foram se aperfeiçoando nas últimas décadas. Com o contato do adolescente se intensificando cada vez mais, passando horas com os olhos “grudados” em uma tela, surgiu um termo que pudesse caracterizá-los: screenagers.

De acordo com Rushkoff (2015), o termo screenagers constitui num neologismo onde adolescentes das novas telas que aparecem por um lado, como especialistas em novas tecnologias, mas por outro, desafiam e responsabilizam os adultos a continuar se aprofundando sobre os efeitos desta forma *online* de estar no mundo.

O aparelho de celular proporciona um sentimento de coordenação e segurança nas vivências cotidianas, elementos bastante esperados por essa atual geração. A maneira como os jovens consentem e se apropriam dos

aparelhos móveis e da tecnologia, além de possibilitar uma considerável segurança e controle para os mesmos, colabora para o desenvolvimento de sua própria cultura através da diferenciação da geração adulta e mais velha, especialmente dos seus pais.

Ou seja, aquele jovem adolescente que antes tinha um estereótipo de criança grande e inativa, insegura em relação as interações sociais e também na forma de ver o mundo passava a dar lugar a um jovem mais ativo, que busca por mais respostas para as suas perguntas e que se mostra cada vez mais hábil com os aparelhos tecnológicos, principalmente computadores, *tablets* e celulares (Santander, 2012).

Contudo, nem tudo pode ser tão positivo; a internet e a tecnologia, da mesma forma que vieram para ajudar, também podem desencadear terríveis consequências, conforme explicita subtópico a seguir.

Impactos da tecnologia no ambiente escolar e desafios para os gestores e professores

Quando se analisa o perfil e conduta de crianças e jovens da geração anterior, verifica-se que existe uma considerável diferença entre aqueles que praticamente não tinham acesso às tecnologias e internet e aqueles pertencentes à atual geração que, conforme já citado nesse estudo, são denominados de *screenagers*. Na análise de Pereira e Silva (2014), o perfil desses jovens da geração Z (1995-2010) demonstra que eles são inflexíveis, impacientes e dinâmicos; gerados em uma era intensamente tecnológica, com níveis altos de ansiedade e transformações avassaladoras, demonstram caráter questionador, crítico e determinam que as escolas se adaptem às suas vontades.

Para se ter uma ideia do impacto do uso das telas para os *screenagers*, a maioria deles considera que a ligação com a tecnologia é elemento-chave para construção de um futuro mais sólido, melhor. Esse pensamento se encontra no fato de que são nativos digitais, visto que dispõem de um “ecossistema natural” composto por *tablets*, smartphones e outros dispositivos similares (Rushkoff, 2015).

Ou seja, as experiências ou vivências desses jovens estão associadas à tecnologia, uma vez que quem nasceu em meados dos anos 2000, por exemplo, não teve necessidade de criar um costume com esses avanços, visto que cresceu rodeado por esses meios, onde se pode citar a utilização de aplicativos, da comunicação por meio de videochamada, controle

de plataformas, dentre outros. Não somente as escolas, como também as empresas estão levando em consideração esses comportamentos que, deve-se admitir, apresentam muitos benefícios, como simplificação de atividades, otimização dos processos, compreensão mais elevada pelo uso dessas ferramentas.

Porém, de acordo com Preto (2011), é algo que necessita ter um certo limite no ambiente escolar, pois ao mesmo tempo que a tecnologia auxilia no processo de ensino-aprendizagem, ela faz com que o aluno fique totalmente dependente daquele meio para aprender, o que ainda pode não funcionar com todo e qualquer conteúdo; o adolescente passa a não se concentrar mais no que o educador tenta transmitir na sala de aula, só pensando em quando vai poder utilizar o celular.

Para Santander (2012), o fato de a juventude ter se apropriado consideravelmente desses dispositivos tecnológicos, possibilitando-os ir aquém do simples consumo de informações – a mesma já produz, de forma intensiva, conhecimentos e culturas próprias – não exime da instituição escolar o papel de educadora primordial na vida desses adolescentes, uma vez que, depois da família, é na escola que o ser humano passa a conhecer outras vivências e realidades.

Nesse contexto, pode-se citar o chamado ensino a distância, que já é uma realidade em todo o mundo, principalmente após a pandemia, porém ainda se mostra passível de observações quanto a sua forma de ensinar, tendo muitos desafios também com os próprios alunos.

Considerações pessoais sobre a geração dos screenagers

Tem-se conhecimento de que promover a prática do ensino nesse universo digital não constitui numa tarefa fácil, principalmente com uma faixa etária em específico como a adolescência, pois basicamente estão o tempo todo mexendo ou com a cara grudada no celular ou em outro eletrônico similar.

Um dos desafios é a ausência de habilidade do educador em desenvolver atividades que façam uso de celular ou tablet dentro da sala de aula, sendo que esta poderia ser uma oportunidade de tornar os alunos mais interessados na aula, já que a grande maioria está ali tentando mexer no celular de vez em quando.

Contudo, é justamente nesse ponto que se insere o temor dos docentes, pois no ponto de vista deles os estudantes não se concentrarão

no que realmente deve ser feito e procurarão utilizar o celular para o que geralmente sempre fazem, mas que de uma forma ou outra sempre estão sendo impedidos pelo professor.

Dessa forma, o que falta é um planejamento mais específico, principalmente um que deixe mais de lado o segmento tradicional de ensino, levando-se em consideração que a lógica da comunicação na sociedade está em constante transformação.

Para que os professores acompanhem esse novo modo de se comunicar dos screenagers, é preciso que haja uma maior interação com os suportes tecnológicos, tais como a própria internet, editores de texto, fóruns de debates até mesmo, programas mais avançados como os de vídeo e animação, para que a sala de aula se torne um local de interesse por parte desses alunos.

Considerações finais

Tendo em vista todo o exposto, concluiu-se que o número de aparelhos celulares ainda crescerá significativamente devido a essas gerações mais recentes que consomem a internet de forma massiva, os screenagers. Esse fato, ao esbarrar no contexto educativo, pode ser um problema difícil de lidar, a menos que haja um planejamento que, de fato integre o ensino com essa percepção de tecnologias e internet.

Alerta também para os pais, que muitas das vezes agem de forma irresponsável para com o consumo de internet e tecnologia de seus filhos; uma grande parte de adolescentes, por estar o tempo todo com os olhos em uma tela de celular, pode desenvolver comportamento antissocial severo e ter até mesmo pensamentos suicidas, dentre outros fatores.

Dessa forma, deve haver um planejamento no sentido de integrar melhor as aulas às tecnologias existentes, de modo que haja consenso entre professores e alunos, e mais estudos devem ser realizados para que esse debate ganhe ainda mais importância na comunidade acadêmica.

Referências

Pereira, Camila Rodrigues; Silva, Sandra Rubia (2014). O consumo de smartphones entre jovens no ambiente escolar. Alcar Sul. Disponível em: <https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/>

gthistoriadamidiadigital_camila_pereira-1.pdf. Acessado em 20.06.2023.

Preto, Nelson de Luca (2011). O desafio de educar na era digital: educações. *Revista Portuguesa de Educação*, 24(1), pp. 95-118. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3042>. Acessado em 19.06.2023.

Rushkoff, D. *Screenagers: lessons in chaos from Digital Kids*. Creskill, NJ: Hampton Press, 2015.

Santander, Alejandro Castro (2012). A Ciberconvivência dos “Screenagers”. *Revista Cesgranrio*, v. 4, n. v. 12. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/169>. Acessado em 19.06.2023.